

Transcrição

Yaguaré Yamã

A voz da memória

Eu me chamo Yaguaré Yamã, sou do Amazonas. Nasci na região Nova Olinda do Norte, uma região muito bonita, território dos povos indígenas Maraguá. Tenho 40 anos de idade, é depois de completar o ensino médio eu vim para São Paulo em uma oportunidade de estudar faculdade na cidade de São Paulo e aí eu me formei em Geografia né, lá Universidade de Santo Amaro (UNISA) e até então também eu aprendi um pouco sobre o tupi na USP e no decorrer do tempo eu fui aprendendo também tendo conhecimento em dar palestra né.

Então eu comecei a dar palestras pelo interior de São Paulo, na cidade de São Paulo e pelas outras cidades adjacentes e é uma coisa muito bacana, é o que mais gosto de dar palestras né.

É... Sou professor hoje em dia, sou professor de Geografia e Sociologia lá no território onde eu moro, aliás, na cidade da Nova Olinda do Norte ensino médio, sou professor de ensino médio para as crianças de ensino médio né aí a gente ensina e eu uso um pouco sobre essa questão da Geografia, Sociologia é ligada também sobre as culturas tanto dos idiomas indígenas quanto da cultura indígena, quanto da conscientização indígena porque eu vejo como ativista que eu sou além de professor eu sou ativista é que as crianças e as pessoas precisam ter conhecimento sobre si né e aí na Amazônia aonde 70% da população, é, étnica de origem indígena e muitas vezes não se reconhecem, não conhecem a sua origem é importante que a gente como ativista fale a respeito dessa conscientização e isso tem surgido muitos efeitos e eu acho isso muito bacana, muito legal é além de professor e de palestrante eu também sou escritor. Eu tenho hoje em dia em torno de 35 (trinta e cinco) livros publicados é além do mais eu acho que esse ano a gente vai ter os 40 (quarenta) livros publicados.

E eu acho isso muito bacana, não porque eu é o trabalho que eu faço, mas porque eu como ativista é necessário mostrar que o povo indígena ele também pode crescer, pode haver essa questão da representatividade por si mesmo e o que nós temos de melhor na aldeia, o que nós temos de mais bonito e de mais belo, mais verdadeiro a gente põe nos livros né que nós chamamos de literatura indígena aí que tá um efeito muito bacana né, a gente busca o que nós temos de melhor, de mais legal, de mais verdadeiro né para acabar com os estereótipos, acabar com o preconceito porque o preconceito, ele ocorre quando a gente não conhece a outra pessoa né e quando você começa a entrar em contato com os meus livros, com livros de literatura indígena as pessoas vão identificar né a sua origem, de repente as pessoas da cidade vão ver realmente que é bonito, que é legal, que é verdadeiro e então nesse caso aqueles estereótipos de repente acaba e o preconceito também termina quando você conhece a realidade, quando você conhece a verdadeira, a verdade identidade né dos povos indígenas.

É isso.

Eu pertencço é, o meu pai, ele é da etnia Sataré Mawé minha mãe é etnia de Maraguá então, portanto eu sou filho de dois povos e eu acho isso muito bacana.

Porque é enriquecedor né, eu conheço as duas culturas dos dois povos e quando se fala em povos indígenas é imagina que no Brasil são mais de 300 (trezentos) povos indígenas então é um universo dentro do universo é muita gente, é muitos povos, é muita informação, é muita riqueza é ligado a essa questão.

Se são mais de 300 (trezentos) povos indígenas imagina quantas estruturas cada povo tem é cada povo representa uma religião, cada povo representa uma identidade própria, uma cultura própria e uma língua própria né então nesse caso eu que nasci numa aldeia indígena é lá naquela aldeia onde eu morei chama-se Yãbetué é uma aldeia pequena que fica na região do rio Ariaú lá no Estado do Amazonas e ali ainda que seja pequena as pessoas falavam 5 (cinco) idiomas além do português, aliás, português era pouco falado naquela época.

Então a pessoa falava 5 (cinco) idiomas e a gente desde criança a gente aprendeu os 5 (cinco) idiomas conversando com nosso vizinho se eles iam em casa falavam 2 (dois) idiomas, o vizinho falava mais 2 (dois) e assim ia e com o tempo a gente aprendeu os idiomas né vários idiomas então por isso que é importante quando se entende sobre povos indígenas a gente entende o universo dentro do universo né é muita informação, é muita coisa boa, é muita riqueza né e daí que vem o meu povo né, os dois povos aliás.

Ah, o povo Maraguá ele também é chamado de Povo das Histórias de Assombração aí você pode imaginar porque né é porque o povo é que gosta muito de contar histórias, de fantasmas vamos dizer assim e ele é muito conhecido nessa questão quando alguém me pergunta por que eu sou escritor e quando alguém me pergunta o que me inspira e o que me fez ser escritor, o que me fez palestrar né eu explico que vem dessa questão de berço né da conscientização desde o início né quando a gente ouve as histórias contadas pelos mais velhos né. Ali onde eu morei a gente tem, tinha o costume e até hoje tem o costume de o mais velho ir, dirigir para uma casa que nós chamamos de (idioma) que fica bem no centro da aldeia e as crianças todas ficam ao redor dele ouvindo histórias de fantasmas e essa seção começa 6 (seis) horas da tarde e termina lá pela meia-noite isso é que o bacana ou seja é um tempão para as crianças, pra todo mundo ouvir histórias, a história que vai nos encher de conhecimento, a história que vai encher de conhecimento à respeito do nosso povo que vai nos preparar para o futuro né. Então é esse que é o meu povo, o meu povo que gosta muito de caçar, pescar é um povo muito de, muito rico em cultura né é... Nós temos ali nas, nas aldeias, cada aldeia que meu povo está, que a minha etnia está tem uma Mandagará, o que é o Mandagará? É Um totem e esse totem é escrito em grafismo né.

É você sabe, acho que imagina o que seja grafismo né?

É na verdade grafismo são duas coisas, pode ser a escrita de um povo e pode ser bem uma arte, um tipo de de é desenho.

Então no caso a gente também aprendeu desde criança essas escritas e cada totem, cada aldeia que tem em cada totem, tem ali desenhado, pintado né em várias cores as suas é, o seu grafismo e cada grafismo representa uma história né imagina que o Mandagará, ou seja, um totem seja de 5 (cinco) metros todo ele pintado né e você que conhece bem a escrita indígena, no caso o grafismo vai olhar e identificar a escrita da origem do mundo, a escrita da origem das mandiocas, a escrita da origem do guaraná então vai tá tudo ali né. Por isso que quando as

peessoas dizem que o índio é ágrafo e o indígena não é antigamente não conhecia a escrita é um erro tremendo porque o grafismo é um tipo de escrita tá bom? Então é esse o povo do qual eu pertenço.

Cheio de cultura, cheio de beleza né um povo que por muito tempo foi oprimido e ainda hoje é oprimido infelizmente né tem essa imagem das pessoas terem é por não conhecerem terem preconceito, por não conhecerem terem racismo e por não entender a natureza tende a querer invadir ou destruir o meio ambiente a qual eles mesmos vão precisar um dia (idioma).

É... Como falei pra vocês quando criança a gente aprendeu mais de um idioma na aldeia onde eu vivia o pessoal falava entre 4 (quatro) e 5 (cinco) idiomas, o português foi falado a gente aprendeu um pouco mais tarde né, no caso são quantos idiomas são 4 (quatro) é o Marajá, Nheengatu, Sataré e Mundurucu são os idiomas que eram aqui na aldeia e além do português porque tinham pessoas que iam pra cidade aprendia o português e retornavam e aí poucas pessoas falavam, mas eu aprendi esses idiomas assim. Quando eu fui para cidade eu aprendi muito mais o português, para poder entrar, na questão do ensino médio da educação e o... Hoje em dia o que mais me admira assim é o trabalho de todos os idiomas, como eu sou ativista eu trabalho com todos e por todos né, mas esses tempos, basicamente esses tempos eu estou é me posicionando sempre e quase é quase é com afinco a respeito do idioma Nheengatu que é um dos idiomas mais importantes que existe no Brasil né não mais importante e teoricamente é o mais importante não sei se vocês já ouviram falar sobre Nheengatu, mas você não pode falar em Amazônia sem falar em Nheengatu porque Nheengatu é a cara e a identidade da Amazônia tudo que você pode imaginar de Amazônia precisa ter Nheengatu como parte é, faz parte da história, faz parte do, faz parte é da sociedade, faz parte dos das terminologias, dos termos ali né ligados a Geografia, História, então tudo que você possa olhar e imaginar e ver ali na Amazônia é Nheengatu. Nheengatu que foi uma língua franca, ainda é mais falada desde o início da colonização da Amazônia e por muito tempo ele foi à única língua falada ali né e pessoas que falavam inclusive português desde 1.600 quando a chegada dos portugueses ali a desde o início da colonização né a é os não indígenas como brancos, como naquela época eram escravos né vindo da África eles tiveram que aprender o Nheengatu porque era a língua franca ali e os povos ali presentes indígenas na região além de falar sua língua mãe original também falavam Nheengatu porque como era língua franca é como se fosse hoje o inglês.

Você sai do Brasil, você vai para a Europa precisa aprender o inglês para poder falar com as pessoas serve de idiomas de vários povos, então no caso, Nheengatu é isso. Então quer dizer que ele foi bem usado e bem falado por toda Amazônia né por isso que quando eu falo que a gente não pode falar da Amazônia sem falar de Nheengatu porque as duas em uma relação muito próxima, muito igual né entre eles.

Então é o Nheengatu foi proibido, por duas vezes ele foi proibido aí isso por Marquês de Pombal se você der uma olhada na história você vai verificar que Marquês de Pombal proibiu Nheengatu né porque era a única língua e eles tinham o objetivo de colocar o português né como o idioma na região e não havia português na região porque todo mundo falava Nheengatu e foi para isso que foi obrigado é é proibido o Nheengatu para poder introduzir o

português e é por isso que hoje em dia o pessoal fala a língua portuguesa né. Além do mais, houve também um outro momento depois da guerra da “Cabanagem” que foi uma guerra muito, muito forte mesmo né sobre a independência da Amazônia porque dado momento, não sei se você sabe, a Amazônia se tornou ou quis se tornar independente do Brasil. Foi em 1.940 e no decorrer dessa época a Amazônia se tornou independente do Brasil por 10 (dez) anos e houve uma luta grande né e aí quando os chamados cabanos na cabanagem conquistaram o poder da Amazônia, na Amazônia ali na sede, como em Belém, eles instituíram o Nheengatu como língua oficial da região e até então tudo bem só que quando os brasileiros, no caso a coroa né, o império retomou o poder sobre a Amazônia e e venceu os cabanos a língua foi mais uma vez perseguida e foi outra vez proibida na Amazônia.

E quem era pego falando Nheengatu e era pego falando usando expressões de Nheengatu era preso e muitas vezes era morto né por conta dessa perseguição da língua e assim infelizmente a língua Nheengatu se tornou uma língua inferior é menor mínima né, uma minoria né.

As pessoas falantes do Nheengatu tiveram que cada vez mais sair do centros urbanos e com o passar do tempo essa língua se manteve longe distante de tudo lá nos beiradões, na região mais distante da Amazônia.

Porém com o passar do tempo essa língua deixou de ser proibida e hoje ela tá sendo resgatada né tanto é que hoje na Amazônia são 25 (vinte e cinco) povos que falam Nheengatu, ou seja, depois de ela passar por uma opressão, depois de ela passar por um, pela perseguição, ela retomou e vamos dizer assim, a sua toda a sua essência né e hoje em dia ela está sendo muito bem divulgada por toda região não somente na Amazônia, mas também no restante do Brasil não é a toa que ela hoje em dia ela é ela é oficializada co-oficializada em dois municípios no Brasil. Um em São Gabriel da Cachoeira que ela é co-oficializada ali e junto mais dois idiomas além dela Tukano e Baniwa e também no município de Mon Senhor Tabosa que fica no Ceará bem distante da Amazônia, ali também eles instituíram o Nheengatu como língua co-oficial o português e isso é muito bom porque mostra e prova que o português tá crescendo cada vez mais e retomando aquele espaço em um dado momento ele perdeu.

É isso.